

Delgado Governo volta a pedir ajuda internacional

Número de deslocados subiu para 800.000. “Gostaria de reiterar o apelo do Governo para nos ajudarem para fazermos face à emergência humanitária. Há milhares de compatriotas levantando problemas de reassentamento populacional, assistência alimentar, necessidade de cuidados médicos e sanitários, sobretudo de mulheres, crianças e idosos.” – Verónica Macamo, num encontro com o corpo diplomático O Centro para Democracia e Desenvolvimento relata cenário dramático de quem perdeu tudo e que fez uma viagem de dez dias de barco em busca de esperança

Maputo – Num encontro realizado na quarta-feira da semana passada, 2 de Junho, com o corpo diplomático, a ministra dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Verónica Macamo, voltou a pedir ajuda internacional. Mas, desta vez, o pedido foi apenas de apoio para fazer face ao drama humanitário, devido ao aumento do número de deslocados para 800.000. A ministra não pediu ajuda para o combate ao terrorismo. No pedido, Verónica Macamo mostra o quanto a situação humanitária.

“A migração forçada de centenas de milhares de compatriotas nossos tem levantado problemas de reassentamento populacional, assistência alimentar, necessidade de cuidados médicos e sanitários a milhares de famílias, sobretudo de mulheres, crianças e idosos”, disse Verónica Macamo no encontro com o corpo diplomático. E disse também que a população desloca da abandonou os seus pertences, campos agrícolas, colheitas e rebanhos para procurar lugares seguros, o que provoca uma situação de emergência humanitária de proporções cada vez mais complexas. “Por isso, gostaria de reiterar o apelo do Governo a todas as Missões Diplomáticas e Organizações Internacionais e regionais aqui representadas, para nos ajudarem na mobilização de mais apoios para fazermos face à emergência humanitária que assola Cabo Delgado, em virtude de o número dos deslocados continuar a subir, elevando-se, conseqüentemente, as necessidades para assistir as populações, em particular as necessidades alimentares”, disse a ministra. CDD diz que deslocados não têm tido apoio imediato do Governo Numa publicação de ontem, do mingo, 6 de Maio, o Centro para Democracia e Desenvolvimento diz que, nas últimas semanas, a praia de Paquitequete, na cidade de Pemba, voltou a ser o local de desembarque de deslocados que fogem dos ataques terroristas nas aldeias dos distritos de Palma e Nangade. Segundo a publicação, cerca cem pessoas desembarcam diariamente na praia de Paquitequete, após cerca de cinco dias de viagem arriscada pelo mar e em barcos à vela que não oferecem nenhuma segurança para os utentes. “Há casos em que a viagem marítima chega a durar 10 dias, justamente quando os deslocados apanham barcos que saem de Palma para a Ilha Matemo e daqui seguem em outros barcos para Pemba”, pode ler-se no documento, que acrescenta que, no local de chegada, pequenas organizações prestam assistência humanitária, oferecendo água e uma refeição, sobretudo às crianças, e que as agências humanitárias das Nações Unidas e o Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres não estão na praia de Paquitequete para prestar assistência às pessoas que desembarcam necessitando de todo o tipo de ajuda. “A Organização Internacional das Migrações (OIM) e o Comité Internacional da Cruz Vermelha são as únicas que se têm deslocado a Paquitequete para apoiar os deslocados. A OIM faz o registo dos deslocados que desembarcam, e o Comité Internacional da Cruz Vermelha presta assistência aos doentes”, diz o Centro para Democracia e Desenvolvimento. Segundo o Centro para Democracia e Desenvolvimento, sem assistência e sem um destino certo, alguns deslocados chegam a permanecer na praia de Paquitequete durante uma semana, enquanto tentam localizar familiares. Segundo o Centro para Democracia e Desenvolvimento, os que não

conseguem localizar familiares e não são encaminhados para os centros de trânsito ou de reassentamento acabam por ficar mais tempo na praia, sem as mínimas condições de sobrevivência. “Há pelo menos 30 pessoas que estão na praia de Paquitequete há mais de três meses”, pode ler-se na publicação.

Falta de assistência e risco de surgimento de casos de conflitos de terras

O Centro para Democracia e Desenvolvimento diz que a maioria dos deslocados que chega a Pemba é constituída por comunidades costeiras que tinham na pesca a sua principal fonte de rendimento. Mas estas pessoas são levadas para as zonas do interior de Cabo Delgado e de outras províncias do Norte de Moçambique. Esses deslocados ficaram literalmente sem meios de sobrevivência. “Além da falta de assistência humanitária, há o risco de conflitos de terras nas zonas de reassentamento”, afirma o Centro para Democracia e Desenvolvimento. Na publicação do Centro para Democracia e Desenvolvimento pode ler-se que, em algumas zonas dos distritos de Montepuez e Ancuabe, por exemplo, os deslocados enfrentam muitas dificuldades para conseguir um espaço para erguer um abrigo, como confirmaram, no local, na semana passada, deputados da Comissão da Agricultura, Economia e Ambiente da Assembleia da República.

(André Mulungo)

Jornal Canalmoz, 07.06.2021, pág. 02, Ed.n.2975, ano 11